



REALIDADE, LIBERTAÇÃO E PAU DURO: MOA SIPRIANO EM DIÁLOGO COM A IDENTIDADE HOMOSSEXUAL NO ROMANCE LATINO AMERICANO

Aroma Bandeira¹

RESUMO

O presente artigo analisa selecionados contos homoeróticos do ciberescritor Moa Sipriano, que captam as experiências intermasculinas de personagens diversos, a maioria em desventuras e envolvimento sexuais. Expus uma crítica aos contos, ambicionando encontrar um diálogo – ou um afastamento possível na atualidade – com a apreciação realizada por Dario Gómez Sanchez (2012) e a sua teoria da função testemunhal para os romances entre “pervertidos, bichas e entendidos”. Apresento em Moa Sipriano um contraponto, acostada na análise de seus contos e acionadas as características descritas pelo pesquisador em seu livro teórico, encontrei no cronista uma subversão do padrão de masculinidade das relações ativo/passivo e a procura da instabilidade da homossexualidade na criação de estereótipos.

Palavras-chave: Identidade. Literatura. Homoerotismo. Masculinidades.

*Pare, agora, por favor. E pense de novo em Kaique Augusto Batista dos Santos.[...]
Veados como eu. Nordestinos como eu. Pense. Não deixe de pensar.
É duro imaginar. Tamanha covardia.
Repito. Pense. Reflita, por um instante, é o que peço.
Em memória a um garoto.
Marcelino Freire*

Apesar da crescente mobilização para avançar nas discussões pelos os direitos e garantias dos indivíduos, respeitadas suas orientações sexuais, pouco temos avançado no fortalecimento de espaços de legitimação àqueles que sofrem diariamente violências e violações por suas homossexualidades serem rechaçadas. Tem-se promovido uma ampliação no mercado cultural destinado a comunidade homossexual e comenta-se repetidamente numa literatura gay unificada, provocando um sentimento aparente de aceitação, mas mecanizado através da tolerância e/ou da (hetero/monogâmica) normatização. A cultura e literatura, assim agenciadas pelos interesses de mercado e pautadas por uma identidade homossexual baseada numa objetividade consumível, não representam os anseios

¹ Especialista em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Pernambuco - 2014. Graduada em Letras Bacharelado em Crítica Literária pela mesma instituição. <aroma.b@hotmail.com>

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



reais das personas enquanto não problematizam nas narrativas as experiências subjetivas desta população; enquanto apagam as especificidades dentro da sigla LGBT, anulando as fronteiras de gênero e orientação sexual que distinguem as identificações diversas; enquanto incorporam comportamentos estereotipados, multiplicam personagens com atributos que dizem mais respeito a homofobia misógina que às sexualidades pessoais; enquanto a voz não ecoa de dentro e atravessada de sua própria força. A questão dos relacionamentos afetivo-sexuais intermasculinos como enfeite para comercialização ao invés da assimilação das problemáticas que o tema poderia representar ignora a *tomada de posição* da diversidade sempre como o *outro*, aquele que deve ser tolerado, em sua existência excêntrica. E, se a identidade e a diferença adquirem sentido por meio da representação (DA SILVA, 2000)², a homossexualidade na literatura, então representada como objeto dado, perderia a possibilidade da diversidade humana supostamente pretendida.

A causa, portanto, dentro da literatura, é a sensibilização do projeto narrativo em função da temática. No campo da crítica literária aqui exposta, não há a defesa de alguém, de um personagem, mas dos papéis simbólicos que ocupam na trama, e como eles (co)laboram para uma significação libertária ou conservadora, dialeticamente ao pensamento comum/padrão da sociedade machista e permeada da cultura de consumo. Experiências extratextuais serão consideradas somente se mimetizadas, ou seja, quando o autor real usa de seus conhecimentos e do contexto social e os engendra na narrativa. Pretendo analisar narrativas literárias que tematizam as relações eróticas intermasculinas, procurando entender até que ponto elas se questionam ou oferecem alternativas para o entendimento não ontológico do *estar* homossexual, numa construção possível e querida para além das expectativas de realidade. Para tanto, selecionei alguns contos do cyber escritor Moa Sipriano.

Não é um escritor desconhecido. Suas publicações, cada uma delas, tem o alcance mínimo de três, quatro, cinco mil pessoas. Autodenominado “Machoterapeuta”, Moa Sipriano nasceu em 13 de junho de 1968, no município de

² “É também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam ao sistema de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre a identidade.” (DA SILVA, 2000, p. 91).



Em “Luca” (SIPRIANO, 2003) novamente podemos observar as multifacetadas que adotam os homens nas relações carnais compostas por Moa Sipriano. O enredo conta sobre outro advogado – profissão, como também as de fotógrafo, escritor e artista, retomadas em inúmeros contos que registram homens independentes, mas que não os unifica em personalidade: enquanto a praticidade de Clive estava voltada o trabalho, seu empenho e sua mágoa herdada (seguira o ofício por causa do pai), era ao mesmo tempo preguiçoso e desleixado com a moda e com o visual; Detlev é prático e vaidoso, requintado por natureza, bem cuidado por si e bem criado por sua mãe solteira, portador de marcas de sucesso e tecidos finos. “Estabilizado, culto, viajado, não fumante, não sedentário [...] Vícios? Somente um: sexo” (SIPRIANO, 2003, p. 04). E é no campo do homosexo, “expressão idealizada desde que começara a transar com homens” (*idem*, p. 05), que o conto vai se conduzir para excitar o leitor. A narrativa em terceira pessoa faz visualizar os sensuais encontros fortuitos do protagonista, seu passatempo predileto cujas regras ele fundara para si e que o permitia brincar livremente e dirigir as situações.

Para sustentar o seu vício, permanece sempre alerta para chegada a qualquer momento e em qualquer lugar do homem ideal – que poderia ser qualquer um, independente de “idade, cor ou posição sociocultural” (*ibidem*), desde que não fossem crianças ou asiáticos, pois um “havia arruinado moralmente sua adolescência nos tempos do ginásio – daí o preconceito” (*ibidem*). Acompanhamos Detlev em suas caçadas, com o narrador a se apreender nos olhares dispensados, no uso das mãos manicuradas e sedutoras, na intuição pelos volumes entre as pernas, na preferência do silêncio em cima das frases feitas. Ao que segue uma sequência de imagem eróticas, em múltiplas posições, nas quais todas levam ao orgasmo, ignorando os limites impostos pela dualidade passivo/ativo.

O ato sempre era consumado. Poderia ser um duplo oral. Ou a penetração de um ou de ambos num rápido rodízio de corpos. Ou uma dupla punheta. Enquanto Detlev não ejaculava (pouco importava o prazer do outro), a brincadeira não era encerrada (SIPRIANO, 2003, p. 06).

O arrogante egoísmo do personagem descrito pelo narrador é calculado pelo autor, e não desfaz as afirmações de acordos mútuos de sexo entre homens amadurecidos e conscientes. Ele pretende surpreender narrador, personagem e

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



leitor ideal, derrubando o domínio de Detlev sobre si com uma conhecida sina modificadora de destinos e corações: o amor.

Nos contos de romance, vemos uma profusão de imagens desnudas, diretas, abertas. Isto se intensifica pois passa-se para o leitor a ideia geral que no amor, pelo envolvimento e pela cumplicidade, as relações se tornam mais desnudas, diretas e abertas, assim como os acordos sexuais não nomeados pelos amantes. Em “Cartas a Hans” (SIPRIANO, 2001), primeira historieta publicada por Moa Sipriano, a volúpia fala mais que o ato sexo propriamente dito, talvez por ser o primeiro dos textos publicados e a pornografia não tivesse se encaixado em Moa Sipriano como força motora que descobre (descobrimos) nos outros contos, talvez porque o desenvolvimento deste mote exigisse do autor um longo percurso até o sexo, não menos prazeroso. E quando ele acontece, uma noite de núpcias antes do casamento, “minha confiança foi tamanha, que permiti que você chegasse ao Nirvanah, explodindo enlouquecido dentro de mim, daquela maneira” (SIPRIANO, 2001, Sétima Carta, p. 21). A união se concretiza com paixão e em completo desprendimento – o que não compromete a *permissão*, o domínio de si e a consciência da entrega, em exercício de liberdade e não por convenções de papéis sociais.

Poderíamos questionar se os papéis sociais de mulher e homem se reestabelecem, dentro da vida homo-monogâmica. Tanto no “Cartas a Hans” quanto em “O cunhado” (SIPRIANO, 2005), no qual o protagonista narrador é recuperado agora em uma nova história após a morte de Hans, vemos Gus Hoeder autodescrever-se como solícito e cuidadoso, e denotá-lo em atitudes tomadas ou imaginadas por ele para com o companheiro. Numa leitura apressada poderia transparecer o ideal de *casal margarina*³. O que percebo nesta crítica foi, não uma adoção simples do modelo heteronormativo, mas sim uma reestruturação das práticas do privado, sem condená-las exaustivamente a um indivíduo ou grupo de indivíduos; ou destinada ontologicamente a um gênero – como se estabeleceu na

³ O ideal de família retratado costumeiramente nos comerciais de margarina tornou-se referência e escárnio do padrão familiar médio-capitalista, heteronormativo e fecundo. Ao mencionar “casal margarina”, quis retomar o motejo, excetuando a fecundidade não proposta pelo texto em questão



instruir rapazes (e moças) no que se designa como sexo homossexual. Creio que a intenção do autor, além do sexo propriamente dito, é uma *formação do entendimento da sexualidade ampla* que pode existir – e ele sugere que exista – nas relações homossexuais.

Não obstante, os contos de Moa Sipriano são perpassados de uma intenção de captar a realidade, criando situações de identificação com narradores legítimos, ou seja, imbuídos da autoridade da fala pela experiência. A presença de referenciais externos que criam vínculos da realidade com a narrativa é constante, e vão desde marcas e produtos de consumo cultural a lugares de socialização gay, mas também a ocupação de espaços que não estão definitivamente tomados, ambientes de tráfego de domínio, como praças e parques públicas, praias, banheiros, e ainda vizinhanças e famílias. Apresenta-se um homem que se entende pela orientação homossexual, aceita e convive com sua condição humana, e não a dissimula ou a apresenta sob subterfúgios. Logo, os espaços lhe pertencem quanto a qualquer outro e isto não se torna uma problemática. Os personagens de Moa Sipriano trafegam, e isto reforça um entendimento de indefinição de uma identidade que os unifique enquanto homens, e tão somente pela identificação de uma especificidade de sua sexualidade, que as traduz narrando suas aventuras sexuais e descrevendo suas emoções provocadas.

Segundo a leitura que faz, a subjetividade gay consegue se sobressair sem trauma na narrativa em que a personagem homossexual – longe dos tabus e dos medos provocados pela cultura heterossexual, machista e homofóbica – fala de si, a partir de suas experiências, não permitindo que nenhum narrador ponha palavras em sua boca ou interprete qualquer ato de fala ou comportamento. [...] Seguindo essa lógica, a literatura gay é aquela que consegue dar o *pulo do gato*, i.e., sai da confusa *representação* e alcança o nível da *subjetivação*, ou seja, as personagens já *nascem* em ambientes e sociedades que as toleram; mesmo em face da diferença estabelecida entre os seus sujeitos, as personagens homossexuais se lançam também como sujeitos construídos e em construção e conseguem, a seu modo, os lugares no âmbito social e cultural (DIAS DA SILVA, 2010, p. 64).

Assinalo um destaque: não entendo que exista um espaço de representação que consiga apartar-se definitivamente, encontrando-se alheio dos traumas; entretanto, podemos criar espaços dialéticos de disputa, utilizando da resignificação e ocupação de símbolos e sítios, nos quais imprimamos as subjetividades em construção.



Assim definido, o pacto referencial aparece como sendo relacionável com a caracterização da veracidade como instância intermediária entre a verossimilhança ficcional e a verdade histórica [...] Assim, eu defino o testemunhal como a função resultante da interação entre o autor e o leitor modelos por meio dos princípios de referencialidade e intencionalidade, ou seja, como identificação por parte do leitor dos referentes e das intenções do autor (SANCHEZ, 2012, p. 57-58).

Há diferenças entre os contos por ora estudados e aqueles romances com as quais Sánchez trabalhou para sua teoria. Em primeiro lugar, o caráter histórico-contextual pode dividir estes e aqueles; mas como o crítico também faz um agrupamento de textos que engloba distintos momentos da história da literatura, não vejo um empecilho em dialogar com a crítica. Também distinguem-se em fôlegos narrativos, tendo o pesquisador trabalhado com romances e aqui trabalho alguns contos curtos. Creio que a mais abissal contestação para a adoção da teoria alheia, se alguma o é, está nas descrições pornográficas, ausentes nos textos escolhidos por Sánchez. Entretanto, se esta ausência é alvo de crítica do pesquisador, por ausentar justamente aquilo que faz do homem um homossexual, então creio que seja injustificado não recorrermos a sua análise, já que também encontramos em Moa Sipriano descrições de representação da sociedade, que buscam testemunhar uma vivência – e também violências e sentimentos.

[...] a função testemunhal dos romances de temática homossexual estaria relacionada com uma oposição ou resistência a um sistema que tem condenado à marginalização e ao anonimato essa oposição sexual. Porém, não parece ser isso o que necessariamente ocorre, pois se em alguns casos esses romances evidenciam situações de discriminação sexual, nunca a denúncia dos fundamentos dessa discriminação aparece como sendo o eixo da intenção narrativa. Como foi descrito, os romances destacados se ocupam menos das relações sexuais entre homens que dos personagens individuais e a ênfase final parece recair na configuração dos personagens construídos de acordo com as definições psicossociais do sujeito homossexual (SANCHEZ, 2012 p. 129).

Assim, a mimetização clara das homossexualidades no campo onde elas se dão – o sexo propriamente dito – e um afastamento da criação de uma identidade gay alojada no âmbito das personalidades dos personagens teriam o mérito da legitimidade em relação a sua intenção criativa: conceber *estórias* que narrem as experiências homossexuais.



Anoto demais circunstâncias levantadas pelo pesquisador em sua análise, concernentes aos romances estudados e nos quais, segundo ele, se ausentava a liberdade em relação ao heterossexismo por apresentarem: pouca ou nenhuma problematização à homofobia e suas decorrências sociais; considerando a homossexualidade uma perversão e/ou distúrbio da normalidade, através de denotativos explícitos, ou por meio da trama que condena os personagens gays, especialmente os afeminados à tragédia *inerente*, ou por auto-depreciação dos personagens-narradores, considerando a si mesmos como inferiores, merecedores de dor e desprezo, ou inevitavelmente infelizes e propensos a infelicidade. Foi característica, associada à determinação de *tipos* de homossexuais, com descrição de comportamentos e ações, a divisão entre passivos e ativos – dando a entender que os segundos compartilham da positividade máscula e necessária aos homens, enquanto os primeiros estão transviados pela feminilidade. Estas ocorrências corroboram, portanto, para a sustentação dos discursos conservadores do sistema opressivo homofóbico, nas instâncias contempladas por Sanchez.

Voltando-nos para o apuro de dados que reunimos e descrevi acerca dos contos do Moa Sipriano especificados neste artigo, parece que o autor em questão propõe em muitos textos o oposto do encontrado por Sanchez e de sua conceituação para a identificação heterossexista e ausente de denúncia. Por outro lado, encontro nos mesmos textos a persistência desta identificação e desta ausência.

Identifico, em concordância com a avaliação de Sanchez, que a maioria deles se apresenta a função testemunhal de referencialidade com o extratexto; entretanto em parte deles se estabelece a função formadora, que atua como contestadora e idealista, rompendo com as amarras da realidade dada e rerepresentando possibilidades de vivências da homossexualidade. Compreendo que sua literatura desnaturaliza o papel que o ser homossexual apresenta na sociedade, pois descentraliza a identidade homoerótica costumeiramente reproduzida na criação de tipos que davam margem a caricaturas e manutenções de estereótipos comportamentais privilegiados em detrimento de outros, e o faz oferecendo aos seus personagens a possibilidade de serem múltiplos e diversos e não a busca do padrão

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



SIPRIANO, Moa. *Moa Sipriano entrevistado por Kiko Riaze para o site Subvertendo Convenções*. Entrevista a Kiko Riaze, 2012. Disponível em <<http://editoraescandalo.com/site/entrevista-moa-sipriano/>> Acesso em: jan/2014.

_____. *Despedida de solteiro*. 2006. Disponível em: <<http://www.moasipriano.com/>> Acesso em: jan/2014.

_____. *Luca*. 2003. Disponível em: <<http://www.moasipriano.com/>> Acesso em: jan/2014.

_____. *Cartas para Hans*. 2001. Disponível em: <<http://www.moasipriano.com/>> Acesso em: jan/2014.

_____. *O cunhado*. 2005. Disponível em: <<http://www.moasipriano.com/>> Acesso em: jan/2014.